

## Teorias e práticas com outras/os: literaturas e artes em pontes com passados

Algumas pessoas adoram dividir e classificar, enquanto outras fazem pontes – tecem relações que transformam uma divisão em um contraste ativo, com poder de afetar, de produzir pensamento e sentimento.

Isabelle Stengers

Você ama - guardar isso em sua forma singular, digamos na *insubstituível literariedade do vocábulo*, se falássemos de poesia e não somente do poético em geral. Mas nosso poema não se acomoda em meios aos nomes, nem mesmo em meio às palavras. Antes de tudo, está jogado pelas estradas e nos campos, coisa para além das línguas, ainda que aconteça de lembrar-se nelas no momento em que se junta, enrolado em bola junto de si, mais ameaçado do que nunca em seu retiro: ao acreditar defender-se é que se perde.

Jacques Derrida

Palavras podem pulsar com vida; palavras como a carne, transbordando; palavras como o coração, batendo.

Sara Ahmed

Tinha matado todos os seus passados, deixado sangrar, a foice uns, a peixeira outros, como se mata uma galinha no quintal. Mas não aproveitou nem mesmo o sangue. Livrou-se de tudo.

Marilene Felinto

Early one morning words were missing. Before that, words were not. Facts

were, faces were.

Anne Carson

Não sabemos para onde  
podem andar nossos  
pensamentos.

Não entendemos todas as  
tuas palavras mas  
entendemos como nossa  
vida ficou ruim.

Sara Gallardo

Alguns outros fatos  
merecem nossa atenção:  
por exemplo,  
Charles-André Julien, ao  
apresentar Aimé Césaire:  
"um poeta negro,  
catedrático da  
universidade...", ou então,  
por si só, a expressão  
"grande poeta negro".

Nesses clichês, que  
parecem responder a uma  
urgência de bom senso –  
pois, afinal, Aimé Césaire é  
negro e é poeta –, existe  
uma sutileza que se  
esconde, um nó que  
persiste.

Frantz Fanon

#### Resumo:

O objetivo do projeto é pesquisar teorias e práticas das literaturas e das artes, com base nos estudos contemporâneos do feminismo, do feminismo negro e do transfeminismo. Também aborda o pensamento crítico negro, o racismo, a antinegitude, o debate da "virada arquivística" e das reorientações críticas da produção cultural contemporânea hispanoamericana e latinoamericana. Trata-se de considerar os aspectos fronteiriços e tensionamentos entre o literário, o artístico, o documental, o não-literário, o não-artístico e o extra-documental. São esses aspectos que, reiteradamente, impõem obstáculos ao gesto de um enquadramento rigoroso, naquilo em que a própria "ausência de especificidade e de objeto" da literatura institui, como sublinha Jacques Derrida (DERRIDA, 2018, p.60). Derrida aponta que "se um fenômeno nomeado 'literatura' apareceu

historicamente na Europa, nessa ou naquela data, isso não significa que seja possível identificar o objeto literário de forma rigorosa. Não quer dizer que haja uma essência da literatura" (DERRIDA, 2018, p. 58). É, no entanto, com os desdobramentos e as reutilizações dessa ideia e da dimensão instalativa do poético e do documento que a pesquisa procura se engajar. São os "frutos estranhos" e a "inespecificidade na estética contemporânea" aos quais a crítica argentina Florencia Garramuño (2014) se refere.

Em contraste com os relatos das artes e das literaturas modernas, nos quais predominam tipificações classificatórias de uma institucionalidade literária, artística e teórica, tentando dar conta de uma "preferência pelo identificável" (Süssekind, 2022, p. 252), a presente proposta irá destacar gestos de maior abertura. Mais especificamente as formas das teorias, das práticas artísticas e textuais que deslocam os limites de identificação do artístico, do documento e do conceitual. Um eixo importante para a pesquisa se traduz na formulação de João Camillo Penna sobre "os poetas-críticos de *Questions théoriques*", apoiado na ideia de "objetos verbais não identificados"<sup>1</sup>, desdobrada criticamente, em *Nos dispositifs poétiques* (2010), por Christophe Hanna. Camillo Penna afirma que "[a] poesia não é um objeto, mas uma experiência, uma prática, uma ação. Ela se refugia em territórios absolutamente refratários ao que associamos ao poético" (Penna, 2017, p. 3). Se ampliarmos a formulação de Cristophe Hanna sobre como os OVNIs experimentam intensidades críticas variadas quando operam "as práticas correntes da vida coletiva", temos condições de abordar configurações de uma dimensão comunitária pluralizada. Estas configurações associadas a experimentos meta-teóricos e conceituais, a práticas políticas, a fabulações com arquivos, a escritas híbridas e as histórias reais e ficções por meio de não-ficção compõem "irrupções de modos corais na cultura literária e artística" (Süssekind, 2022, p. 251).

A proposta irá desenvolver-se, portanto, como investigação sobre as formas das teorias, suas práticas textuais, sobre os processos artísticos que envolvam vínculos com outras-os (Dominick LaCapra) e sobre os impasses de violências na escrita, na recuperação das histórias e na "fabulação crítica", de Saidiya Hartman. A pesquisa irá se orientar igualmente pela consideração de

---

<sup>1</sup> A expressão aparece pela primeira vez no manifesto "La mécanique lyrique", por Olivier Cadiot e Pierre Alferi.

um aspecto significativo das práticas na contemporaneidade, com suas intervenções nas materialidades do arquivo e com seu repúdio às ficções da história que usos institucionais de arquivos perpetram como "crimes do arquivo", expressão de Stephen Best, em *None like us: blackness, belonging and aesthetic life* (2018). Buscam-se, assim, as insurgências e as invenções na utilização dos arquivos, sob os circuitos de associações, desejos e descontentamentos do presente. A pesquisa ainda pretende contribuir para pensar os atuais limites do humanismo e a situação interventiva de experimentos críticos, em contextos de fantasia social.

### Introdução

*Teorias e práticas com outras-os* são as linhas de força desta proposta. Elas refletem um convívio com teorias dos mais diversos campos das artes, literaturas, antropologia, história e filosofia, que se aplicam no pensamento sobre *como* colocar ou não colocar mundos diversos em contato. Interessa pensar os entrecruzamentos dos limites do humanismo e a situação interventiva que experimentos com palavras, objetos verbais e imagens, em contextos de fantasia social, criam para o investimento crítico.

As linhas das teorias, aqui vinculadas a uma dimensão prática, têm a virtude de conjugar invenções a performances. Sejam elas de ordem especulativa e teórica, sejam de exercícios meta-teóricos, de experimentos conceituais, sejam de práticas políticas, de histórias reais e de ficções, distribuindo agenciamentos nos mais diversos sentidos e dos mais diferentes tipos. Por meio delas, as possibilidades de conexão se ampliam para o mundo das-os chamadas-os outras-os, que, em nossa pesquisa, serão muitas-os.

A potência de pensar é uma potência de existir e de circular em redes de relações. Também é uma potência para vivenciar situações que permitam a construção de vínculos. A experiência frequente, por mais de uma década, nos espaços e nas ruas de nossas cidades contemporâneas está sendo pautada por uma lógica da segregação, da expulsão e do extermínio de populações. É sintomático um dos refrões evangelistas repetidos por Trump, *Build the Wall* (Construa o muro) que amplia e redistribui um estado de exceção com uma "ideologia social-darwinista" (LaCapra, 2018, p. 55). Diferentes zonas das cidades transformaram-se em uma série cumulativa de muros e barreiras, intensas guerras por territórios. A

gentrificação de bairros, as demolições para novos empreendimentos têm a força propulsora dos apagamentos de uma práxis de vida e de camadas históricas de sua existência. Daí os processos composicionais em que se sobrepõem passados residuais nas paredes de memórias. As práticas de arquivos das artistas espanholas Patricia Gómez e Maria Jesus González, na Bienal de Arte de São Paulo, em 2023, funcionam nesse sentido, como testemunho dos refugiados africanos presos na Espanha. Elas arrancam séries de camadas e pedaços das paredes das prisões, uma técnica artística da *muraria*, recuperando fragmentos de palavras e imagens como vestígios que foram registrados nas celas comunitárias, uma memória daquele lugar.

Em contraste com as ações políticas impositivas e drásticas da contemporaneidade, iremos abordar escritas e artes visuais de múltiplos gêneros, suportes e materialidades, que buscam performar vínculos com outras/os e com passados, ficção e não-ficção, experimentos críticos que reconfiguram os ensaios, as narrativas, a poesia, as biografias, os diários, as falas curtas, entre outras referências das artes visuais e dramatúrgicas. As manifestações escritas, visuais e performáticas, que irão interessar à presente proposta, serão compreendidas sempre a partir do limite e da tensão com outras linguagens.

Muitos/as escritores/as, artistas e intelectuais têm feito reapropriações, invenções de diferentes tipos de arquivo, possibilitando distintas configurações de passados e da memória. Diante de repositórios de documentos, artefatos e registros, a lógica de sua legibilidade é deslocada para o experimento de outros processos e linguagens de interpretação, contranarratividades e contravisualidades.

Há uma ampla reorientação crítica descrita como a “virada arquivística”, que ganha relevo a partir da primeira década do século XXI, no campo dos estudos da escravidão atlântica, trata-se, como define Stephen Best, em *None like us: blackness, belonging and aesthetic life*, de “um retorno à cena do crime – retorno não às suas cenas de violência, mas sim ao que é mais frequentemente representado como o crime do ‘arquivo’” (Best, 2018, p. 13).

O crime está, com efeito, no “silêncio do arquivo” como episteme. Nesta visão do arquivo, há uma tensão entre o que foi dito e o que pôde ser dito nos documentos, nas declarações e instituições. Em “Vênus em dois

atos" (2020), Saidiya Hartman discute uma metodologia do arquivo para desenterrar o passado. A referência decisiva vem da introdução, de 1977, de *A vida dos homens infames*, de Michel Foucault, este livro que Foucault, contudo, nunca chegou a escrever. A concepção do livro obedeceu ao desejo de Foucault de publicar uma antologia ("espécie de herbário") de existências obscuras e desventuradas que foram "juntadas em um punhado de palavras", nos arquivos prisionais e de internamento do Hospital Geral e da Bastilha, composto de documentos de 1660 a 1770. Trata-se, sublinha Stephen Best, de vidas individuais que as autoridades médicas e jurídico-políticas consignaram ao esquecimento por meio de sentenças lacônicas, as quais, por um paradoxo, preservaram as reais vidas que de outro modo teriam desaparecido.

O arquivo constitui a sentença de morte dos escravizadores aos cativos e cativas. No entanto, há um deslocamento essencial ao que se denominou "virada arquivística". Diz respeito a uma reciprocidade, agora decisiva, entre desfiguração arquivística e afeto da·o pesquisadora·or que tem se mostrado particularmente sensível em um contexto de reconfigurações dos arquivos na contemporaneidade, em especial em insurgências, reapropriações e invenções que emergem em processos artísticos e textuais.

Em *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* (2006), Saidiya Hartman se pergunta sobre a inexistência de arquivos e documentos da escravidão atlântica, em Gana, e o vínculo íntimo com vidas anônimas que ela passa a experimentar na sua própria jornada à África: "[e]ram os buracos e silêncios e espaços vazios a substância de minha história? Se a ruína era a minha única herança, e a única certeza era a impossibilidade de recuperar as histórias dos escravizados, isso tornava minha história equivalente ao luto? Ou, pior, era isso uma melancolia que eu jamais conseguiria superar?"(Hartman, 2021: 24-5). A pesquisa de Iamara Viana, historiadora e coordenadora do Núcleo de Pesquisa "Educação, Corpos, Histórias e Memórias Negras da UERJ, sobre os inventários de proprietários de escravizados, no século XIX, aponta nesse sentido. Ela sublinha, em "Senzalas e Casebres sob sevícias: violência, feminicídios, médicos e corpos", que "[n]arrativas sobre os corpos dos escravizados - especialmente das mulheres - abundam nos periódicos médicos na Corte do

Rio de Janeiro entre as décadas de 1830 a 1870. Revelam muito das expectativas médicas, ansiedade dos comerciantes e fazendeiros e quase nada dos escravizados-as. Escondem dramas e violências vividas em senzalas e casebres diante de estupros, doenças, maternidades e sobre seus corpos invadidos por médicos, seus olhares e as mais tantas violências físicas e mentais"(Machado... [et al.], 2021, p.64).

Uma referência para o recorte mencionado acima sobre a potência de pensar como potência de existir e de circular em redes de relações é a pesquisa de Vinciane Despret, descrita em *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam* (2015). Vinciane Despret teria abandonado de vez todos os seus métodos de pesquisa, renunciando provisoriamente às referências bibliográficas especializadas ou estritas a este ou aquele campo de produção de saber. Ela conta ter passado então a seus "promotores de pesquisas enigmáticas" (p. 25), com quem, segundo ela, encontrava "um lugar de grande inteligência" (p. 24). Ela narra assim o início de uma nova metodologia: "Comecei a escutar o que as pessoas me contavam em festas, jantares com amigos, vernissages e encontros casuais". Resolveu impor a si mesma a determinação de obedecer aos conselhos e instruções que pessoas as mais variadas lhe davam, permitindo-se ser instruída por outras-os, fazer exatamente o que lhe sugeriam. A sua própria especulação era impulsionada por uma rede de relações. Seria interessante debater a relação contrastante que a pesquisa de Despret mantém com outras propostas de descolonização do conhecimento acadêmico. De imediato, contrastar com o antieurocentrismo epistemológico de Boaventura de Sousa Santos, de "O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul" (2019).

Sara Ahmed aborda de outro modo as inquietudes da proposta. *Fazer* teoria feminista é um ponto fundamental para ela. Implica haver um vínculo bem próximo entre produzir teoria, viver a vida e dar sentido à existência, como se a teoria feminista fosse uma "teoria vivida" que abre caminhos no mundo. Chama a atenção como define, em *Viver uma vida feminista* (2017), tanto uma noção de conceito quanto uma concepção ampliada de teoria, quando se trata de viver uma vida feminista. Ela diz uma coisa simples, mas que sugere uma transformação em nossa carga emocional de sentir, pensar e imaginar na instituição acadêmica: "os

conceitos estão nos mundos habitados por nós" e "Os conceitos operam no modo como operamos. (...) Às vezes precisamos descobrir o que são esses conceitos (no que pensamos quando estamos fazendo, ou o que estamos fazendo quando pensamos)" (AHMED, 2017, p. 31).

Sara Ahmed subverte os termos com os quais os conceitos são identificados no ambiente universitário, não separa conceitos do mundo no qual habitamos nem das experiências cotidianas com as suas estruturas. Segundo ela, os tipos de experiências que feministas negras e de cor têm no trabalho acadêmico e na vida diária são um "recurso para gerar conhecimento" (p. 26). As mulheres agregam (transformam) conhecimentos e mundos que de outra forma não estariam lá. Há uma aprendizagem desafiante no que ela chama de "paredes de tijolos", nos "mundos que não nos acomodam" (p. 29). A certa altura, ela afirma: "Como aprendemos sobre mundos que não nos acomodam" (p. 26). Os maiores desafios estão no trabalho empírico, no cotidiano da vida, o feminismo é materialista nesse sentido.

É de sua autoria o termo "conceito suado", por ela cunhado no capítulo inicial do livro, cujo nome sugestivo de *Trazer a teoria feminista para casa* traduz o objetivo da autora: "fazer teoria a partir da descrição de não ter lugar no mundo". Cito mais amplamente duas passagens que revelam o teor de sua reflexão teórica:

Um conceito suado: outra forma de sair de uma experiência despedaçadora. Quando falo de conceitos suados no trabalho descritivo, quero dizer ao menos duas coisas. Em primeiro lugar, estou sugerindo que o trabalho conceitual é com frequência entendido como algo distinto da descrição de uma situação. (...) Se uma situação é o modo como as coisas nos atravessam, então o modo como damos sentido a elas também se desdobra com base "na atividade habitual da vida". Os conceitos tendem a ser identificados com o que os teóricos apresentam, muitas vezes, por meio da contemplação e do recolhimento, como a maçã que cai em cima da cabeça, produzindo uma revelação a partir de uma posição de exterioridade.

(...) ao usar a ideia de conceitos suados, também tento mostrar como o trabalho descritivo é trabalho conceitual (p. 30).

(...) Mais especificamente, um conceito suado é aquele que surge da descrição de um corpo que não se sente em casa no mundo. Com descrição quero dizer ângulo ou ponto de vista: uma descrição de como é não se sentir em casa no mundo, ou uma descrição do mundo a partir do ponto de vista de não se sentir em casa nele. O suor é corporal, suamos mais quanto mais intensa e muscular for uma atividade, um conceito suado pode surgir de uma experiência corporal difícil. A tarefa é habitar essa dificuldade, seguir explorando e expondo essa dificuldade. Pode ser necessário não eliminar o esforço ou trabalho da escrita. Não eliminar o esforço ou trabalho torna-se um objetivo acadêmico porque nos ensinaram a polir nossos textos, a não revelar o quanto lutamos para chegar a algum lugar. Conceitos suados também são produzidos pela experiência prática de enfrentar um mundo, ou pela experiência prática de tentar transformar o mundo (p. 31)

A preocupação em articular a experiência prática a campos de conceituação, que vem à tona com a experiência de Sara Ahmed em viver a vida de mulher lésbica de cor na universidade (ela fez doutorado em teoria crítica e foi professora de *women's studies*), traz para o centro de suas elaborações teóricas discussões sobre sexismo, desigualdade de gênero e assédio sexual no ambiente acadêmico. Seu trabalho intelectual na universidade está indissociável das discussões éticas, e se constitui como referência aqui, uma vez que integra epistemologias, processos históricos de agência social e práticas feministas de vida com a leitura e a escrita. Para Sarah Ahmed, é central o enlace da escrita com as existências; inclusive, a razão do livro ser para ela uma estratégia de sobrevivência está justo na "intimidade entre o combate e a criatividade" (p. 362). Escrever é "inscrever na existência" e fazer com que outras mulheres apareçam no que está sendo escrito.

O modo como toca nos chamados "meus textos companheiros" têm rendimento particular na análise que Sara Ahmed faz do romance de Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway*. Se um princípio substancial ao feminismo de Ahmed é "o dinamismo de criar conexões" (p. 16) e, se criar conexões é possível quando os muitos movimentos feministas relacionam as lutas individuais das mulheres, quando dão apoio a elas, *Mrs. Dalloway* é compreendida como

aquela que teria captado a "peculiaridade de uma conexão" (p. 79), andando em meio à multidão pela Bond Street de Londres. Sara Ahmed afirma que "Mrs. Dalloway está caminhando junto com as outras pessoas, quando vislumbra seu próprio desaparecimento", num manifesto flagrante de consciência sobre o direcionamento que a própria vida havia dado a ela: o casamento, a maternidade. O "seu próprio desaparecimento" coincide com o "avanço surpreendente e bastante solene com os outros". Ahmed considera que, justamente nesse momento, "Mrs Dalloway vem a apreender a própria vida, como se fosse a vida de uma estranha (p. 83). Segundo a teórica, a sensação *estranhíssima* que Mrs Dalloway tem andando na Bond Street pode ser lida na seguinte passagem do romance de Virginia Woolf:

Mas agora esse corpo que ela vestia (para olhar uma pintura holandesa), esse corpo, com todas as suas qualidades, muitas vezes parecia nada - absolutamente nada. Tinha a sensação estranhíssima de ser invisível, de não ser vista; ignorada; agora não existindo mais casamento, não existindo mais filhos, mas apenas esse avanço surpreendente e bastante solene com os outros, subindo a Bond Street, sendo Mrs. Dalloway; nem sequer mais Clarissa; sendo Mrs. Richard Dalloway (WOOLF, apud AHMED, 2017, p. 79).

O corpo que Mrs. Dalloway sempre vestiu foi o corpo da maternidade e da heterossexualidade de um casamento burguês. Esse corpo não era visto na multidão. No avanço constante de corpos em uma mesma direção, Mrs. Dalloway se torna invisível. O corpo que ela vestia é experimentado como um "sistema de tráfego" (p. 82). Sistema de tráfego significa um sistema de apoio coletivo, quando se percorre um "caminho já bastante trilhado", quando se anda por onde todo mundo anda, sem a certeza de que se está no rumo certo ou na direção que deseja. É basicamente um sistema de regras e padrões sociais que são reproduzidos compulsoriamente por aqueles e aquelas que avançam em uma mesma direção.

Sara Ahmed acredita em redirecionamentos e caminhos que, com efeito, se abrem nos espaços de amparo e de acolhimento. "É bom pensarmos com os caminhos" (p. 81), ela adverte. Onde encontramos rastros de caminhos trilhados por outras pessoas, costumamos seguir. Os caminhos de trânsito são sem dúvida os mais abertos, os mais aptos a

converter a coletividade numa direção. Porém, há as trilhas, que são abandonadas, essas podem desaparecer.

A história de uma "subjetividade feminista" tem um roteiro por Sarah Ahmed. A autora expõe as próprias experiências escolares e domésticas, sua história como filha de um pai muçulmano violento, seu trabalho de diversidade na instituição acadêmica, sua prática citacional, suas interpretações da personagem Mrs. Dalloway e de um romance clássico feminista inglês, dos romances lésbicos *Rubyfruit Jungle* e *A Plain Brown Rapper*, e seu trabalho de existir como uma lésbica feminista marrom. As experiências, todas elas (auto)descritas e teorizadas, se dão a partir de um vínculo robusto entre o vivido e o conhecimento engendrado.

O vínculo mencionado está no cerne do que Ahmed objetiva com seu ensaio crítico, que se configura ou desdobra-se em um "manifesto estraga-prazeres". O primeiro passo é a obstinação de não se dispor a retroceder. Logo, a primeira ação deverá ser a de abrir mão da subjetividade convencional e ensimesmada – a subjetividade como "fantasia de autocausalidade" –, e depois "fazer da própria causa a causa de outras pessoas" (p. 125-6). Ahmed afirma que "individualizar-se é uma conquista comunitária profunda" (p.360). A obstinação feminista, nesse sentido, tem a ver com tomar consciência também de outras mulheres, que não existem apenas em relação a homens, mover-se na direção delas.

Sua abordagem da subjetividade feminista é interessante, vai constituindo uma tensão com o campo conceitual da tradição intelectual masculina. Ahmed está preocupada com o sexismo que, na prática, foi deixado de lado por teorias falocêntricas. Pensa que o que convencionalmente se entende por teoria nunca parte das mulheres, nunca se dirige a elas, tampouco trata especificamente delas; sempre coube uma separação rígida entre as trajetórias da teoria e a da política. Daí certa performatividade que o conceito para Ahmed ganha, como se fosse uma mudança mesmo trazer a teoria para a existência.

Consequentemente, abrir mão da subjetividade feminina para promover um "redirecionamento da energia das mulheres" (p. 354), significa construir uma "tecnologia moral" capaz de enfrentar o universal masculino. O universal masculino impõe um sistema de sexo e gênero que determina quem pode *ser* o que (a mulher é mulher apenas em decorrência do sexo

oposto). A tecnologia moral de uma feminista se vale de estratégias, desvios e rebeldias como parte de sua especial aprendizagem sobre modos de sobreviver. Há um modo de sobrevivência vinculado a outras pessoas, em especial aos constrangimentos cotidianos por que passa "uma mulher com outra mulher" ou uma "mulher identificada com mulher" (p. 354). É necessário então o rompimento com a exigência de existir *em relação a* ou *para* – homens, pondo em questão o significado de ser e viver como mulher. A lésbica incorpora esse questionamento à vida, transformando os termos de sua existência. Da heterossexualidade patriarcal à mulher estranha, *queer*, obstinada, enfim, a uma "mulherista", para usar os termos de Adrienne Rich citados por Ahmed (p. 357). Divisa-se assim modos de partilhar a vida e a sexualidade com outras mulheres, provocando o distanciamento dos homens e a destituição da centralidade que os vínculos com eles historicamente tiveram para as mulheres.

Ahmed afirma, "[d]esviamos da categoria 'mulher' quando nos movemos na direção de outras mulheres (p. 352), concordando com um ponto decisivo de Monique Wittig, o de que "[l]ésbicas não são mulheres" (p. 352). Se pensarmos que a categoria "mulher" foi construída em relação e em oposição à categoria homem, a naturalização do aspecto subalternizado que a construção sempre impôs torna-se sensível. Sensível à reiterada relatividade da mulher, adverte Sara Ahmed, a mulher é relativa apenas face à postulação da universalidade do masculino. A própria história da palavra *woman* revela traços da servidão: "*woman* vem da união de *wif* (esposa) e *man* ( ser humano); *woman* como um ser-esposa, sugerindo também que é subserviente, uma serva"(p. 351).

Dentro desse círculo de submissão, fica claro que, para Ahmed, o feminismo lésbico e o transfeminismo constituem o potencial capaz de fabricar uma vida como trabalho político, contra os vínculos normativos da heterossexualidade patriarcal. Mas vale perguntar: como desembaraçar o potencial? Ahmed é assertiva em relação a como manifestar e agir se tornaram a mesma coisa, ela considera que o ato de fala da lésbica é manifestário da "fúria de todas as mulheres condensadas a ponto de explosão" (p. 354).

## 1. Objetivos

a) Realizar mapeamento de teorias e práticas artísticas e textuais da

contemporaneidade, de reorientações críticas que certos experimentos podem provocar em um "campo expansivo"(Garramuño) dos estudos literários e da dimensão comunitária pluralizada das formas corais (Süssekind) ;

b) Investigar e aprofundar os entrecruzamentos de teorias e práticas, escritas híbridas, contranarratividades e contravisualidades, em autorias femininas negras e não-negras, do Brasil, do mundo hispanoamericano e latinoamericano, considerando as formas atuais de não-pertencimento, de complexificação identitárias de sexo, gênero e de recortes raciais em movimentos pós-poéticos, pós-artísticos e em fabulações com arquivos;

d) Identificar nas produções mapeadas processos composicionais que envolvam vínculos com outras-os (Dominick LaCapra), violências e traumas, pondo em questão como o legado de violências passadas apresenta para as tarefas de narrar, interpretar e de "fabulação crítica" (Hartman, Whindersson) ;

e) Questionar a relação entre o "real", o "histórico" e o "ficcional" nos usos institucionais de arquivo, nos crimes do arquivo e nas invenções, reapropriações e insurgências de passados residuais quase irrecuperáveis;

f) Compreender como a pesquisa atual contribui para considerar a situação interventiva que experimentos com palavras, objetos verbais e imagens, em contextos de fantasia social, criam para o investimento crítico (Giunta, Hartman, Wilderson). Pensar como é possível fazer teoria com conceitos suados e a partir da descrição de não ter lugar no mundo (Ahmed).

## 2. Relevância científica:

Em um tempo que torna urgente pensar com outras-os<sup>2</sup>, os

---

<sup>2</sup> Pensar com outras-os, de modo a que uma intervenção no modo de pensar seja possível, que finalmente nos afastemos do movimento hegeliano de objetivação com que o Ocidente acostumou a ação do pensamento. A formulação decisiva certamente vem da proposta sistemática contida em "Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena", de Eduardo Viveiros de Castro (2002). Ele afirma: "O xamanismo é um modo de agir que implica um modo de conhecer, ou antes, um certo ideal de conhecimento. Tal ideal é, sob vários aspectos, o oposto polar da epistemologia objetivista favorecida pela modernidade ocidental. Nesta última, a categoria do objeto fornece o *telos*: conhecer é objetivar; é poder distinguir no objeto o que lhe é intrínseco do que pertence ao sujeito cognoscente, e que, como tal, foi indevida e/ou inevitavelmente projetado no objeto. Conhecer, assim, é dessubjetivar, explicitar a parte do sujeito presente no objeto, de modo a reduzi-la a um mínimo ideal. Os sujeitos, tanto quanto os objetos, são vistos como resultantes de processos de subjetivação: o sujeito se constitui ou reconhece a si mesmo nos objetos que produz, e se conhece objetivamente quando consegue se ver de 'fora, como um 'isso'. Nosso jogo epistemológico se chama objetivação; o que não foi objetivado permanece irreal e abstrato. A forma do Outro é a coisa (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 358)

parâmetros políticos que convencionalmente pautaram os contornos rígidos de uma suposta racionalidade ocidental una e totalizante tornam-se problemáticos. Em 1953, Theodor Adorno, refletindo sobre a irracionalidade do facismo, afirma que "[é] preciso mais razão, e não menos, para curar as feridas que a ferramenta razão, em um todo irracional, infringiu à humanidade (ADORNO, 2003, p. 159). Não estaria aí, afinal, na defesa de "mais razão, e não menos", justamente o fundamental abismo que a universalidade da razão europeia criou ante objetos do pensar e do agir de outras pessoas e espécies, que sempre suportaram o peso da civilização?

O que concebemos como uma arquitetura teorizante da razão sempre esteve vinculado à assunção naturalizada de que, para teorizar, é necessário subtrair o mundo, a prática e a vida de tantas mulheres, tantas pessoas pretas e sujeitos os mais diversos. O historiador da arte Ernest Gombrich considerou "as teorias antes como ferramentas de crítica do que fins em si próprias" (GOMBRICH, 2012, p. 393). Mais contemporaneamente, o sintagma-manifesto de nosso presente sobre o "fim das teorias" amplia o sentido da teoria como experiência crítica, ela passa a repercutir então no experimento. Assim, conforme tem sido sugerido por Eduardo Viveiros de Castro, trata-se de buscar uma "experiência de pensamento", um "exercício de ficção antropológica", a fim de pensar mais contemporaneamente "com outra gente e outros povos *dentro*" (CASTRO, 2015, p. 224 grifo nosso).

Na formação e nas pesquisas em Letras, epistemologias, experiências de saber e agência social integram-nos a pessoas, a práticas advindas de múltiplos processos históricos e às possibilidades de conexão e questionamentos que a própria literatura e os textos são capazes de criar e envolver. Os estudos em um campo expandido das literaturas e das artes realiza recortes políticos nas teorias e procura, assim, repertoriar interações entre escritas e leituras que outrora eram isoladamente compreendidas.

Daí a reflexão cada vez mais pertinente sobre como as operações cognitivas, com foco o mais diverso e extração teórica a mais distinta, engendram categorias "totalizantes" para representação de mundos, modos de ser e regimes de enunciação que, no mais das vezes, divergem da heterogeneidade do universo social. Trabalhando com novas questões que teorias e práticas textuais e seus processos de invenção podem ativar, com percursos conceituais que dependem da razão de ser das pessoas no

mundo, penso nos contornos que um projeto crítico das letras e das artes pode delinear. Antes de tudo, um questionamento das lógicas calculadas veladamente.

A definição que a antropóloga contemporânea, Marilyn Strathern<sup>[1]</sup>, em *O efeito etnográfico*, atribui à "relação entre os campos duplicados da etnografia" (STRATHERN, 2017, p. 312) é sugestiva da dimensão relacional de uma prática científica *com* a sociedade. Strathern sugere que os dois campos na antropologia não se relacionam a partir de uma vinculação derivativa em que o campo da escrita, por exemplo, forneceria proposições e princípios aptos a compendiar o intrincado da vida social. Antes, o que se dá entre os dois campos é efeito de um "momento etnográfico". Nas palavras de Marilyn Strathern, o momento etnográfico se caracteriza por uma complexa dinâmica de relação: "a relação entre esses dois campos, portanto, pode ser descrita como 'complexa', no sentido de que cada um deles constitui uma ordem de envolvimento que habita ou toca parcialmente, mas não abrange a outra" (STRATHERN, 2017, p. 312). Codefinido e coimplicado é como todo percurso teórico lida "com pessoas em relação a categorias" (STRATHERN, 2012, p. XI).

Um aspecto definidor da produção cultural contemporânea é o desafio lançado à memória de passados residuais, muitas vezes irrecuperáveis. As teorias e as práticas textuais e artísticas do arquivo ganham relevo nesse sentido. Artistas, escritoras-es e intelectuais têm contestado o sistema de ordenação das fontes, de artefatos e de registros. A lógica da sequencialidade histórica, da causalidade e da evidência nas práticas de arquivos estão sendo conduzidas sob novos circuitos de associações com o passado, que agora depende menos do ocorrido de outrora do que dos desejos e descontentamentos do presente. Busca-se, assim, as insurgências na utilização dos arquivos, como os desdobramentos das escrevivências de Conceição Evaristo, por exemplo.

A relevância científica se reconhece, portanto, na urgência de uma complexificação e expansão dos dispositivos de saberes e práticas que se naturalizaram e demonstram sinais de falência e inoperância.

#### Metodologia:

A proposta irá dedicar-se à pesquisa de novas configurações da crítica e dos processos artísticos das literaturas e das artes. Inicialmente, será considerado

o estudo de ampla bibliografia contemporânea do feminismo, feminismo negro e transfeminismo internacional e latino-americano (Sarah Ahmed, Patricia Hill Collins, Judith Butler, Letícia Carolina Pereira do Nascimento, Andrea Giunta, Carla Akotirene, Cecilia Fajardo-Hill), dos estudos sobre pensamento crítico negro, racismo e antinegitude (Saidiya Hartman, Frank Wilderson III, Osmundo Pinho, Grada Kilomba, Abdias Nascimento, Frantz Fanon, Lélia Gonzalez) e do debate sobre a "virada arquivística" e a tarefa da interpretação com outros-os (Aida Levy-Hussen, Ariella Azoulay, Stephen Best, Saidiya Hartman, Dominick La Capra, Franz Fanon, W. E. DuBois, Rita Segato, Gloria Anzaldúa, Tina Campt) em autores/as anglo americano-a e brasileiro-a e latino-a americano-a.

Depois do estudo mencionado acima, a pesquisa irá se encaminhar para o mapeamento e tratamento de formatos experimentais e híbridos das literaturas e das artes em autorias brasileiras e internacionais. A partir daí, serão selecionados determinados corpos de textos e obras visuais para análise e escrita de ensaios.

Relacionados à invenção de histórias reais e ficção em poesia e narrativas com outros-os, uma pesquisa do material, a princípio, irá incluir: *Mulheres Empilhadas* (2019), de Patrícia Melo; o livro de Selva Almada, *Chicas muertas* (2014), o romance *Corpo Desfeito*, de Jarid Arraes, *Araras Vermelhas* (2022), de Cida Pedrosa, *O céu para bastardos* (2023), de Lilia Guerra, *O invencível verão de Liliana* (2021), de Cristina Rivera Garza, *Eisejuaz* (1971), de Sara Gallardo, *Também guardamos pedras aqui* (2021), de Luiza Romão, *Garotas em Tempos Suspensos* (2022) e *Livros Pequenos* (2021), de Tamara Kamenszain, *Os Anos* (2021) e *O acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, *Trilogia de Copenhagen* (1967- 2023), de Tove Ditlevsen, *Suite Vénitienne* (1983) e *True Stories* (2018), de Sophie Calle, e *Gotham Handbook (...)*, de Sophie Calle e Paul Auster, *Leviathan* (1993), de Paul Auster, *Falas Curtas* (2022) e *Wrong Norma* (2024), de Anne Carson, e *Essays One* (2020), *Essays Two* (2021), de Lydia Davis, *O perigo de estar lúcida* (2022), de Rosa Montero, e *Pagu no Metrô* (2022), de Adriana Armony.

No que diz respeito aos trabalhos de artes visuais que propõem vínculos com outros-os, preliminarmente iremos considerar as seguintes referências: 1. as práticas de arquivos das artistas espanholas Patricia Gómez e Maria Jesus González, que foram exibidas na Bienal de Arte de São Paulo, em 2023; 2. O



Organização de evento internacional sobre práticas e teorias do arquivo												
Avaliação dos resultados intermediários da pesquisa em relação aos problemas teórico-epistemológicos												
Elaboração e redação de artigo científico (conclusão)												

Referências:

Arraes, Jarid. *Corpo desfeito*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

Ahmed, S. *Viver uma vida feminista*. Tradução de Jamille Pinheiro, Sheyla Miranda, Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Akotirene, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

Anzaldúa, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Tradução de tatiana nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

Brad Haylock & Megan Patty (ed.) *Art Writing in Crisis*. London: Sternberg Press, 2021.

Butler, Judith. *What world is this? A Pandemic Phenomenology*. New York: Columbia University Press, 2022.

. *The force of non-violence: an ethico-political bind*. London, NY: Verso, 2021.

Calle, Sophie. *Suite Vénitienne*. New York: Siglio, 2015.

- Campt, Tina M. *Listening to images*. Duke University Press Books, 2017.
- Carson, Anne. *Wrong Norma*. New York: New Directions, 2024.
- Falas curtas. Tradução Laura Erber e Sergio Flaksman. Belo Horizonte, Relicário, 2022.
- Autobiografia do vermelho. Tradução de Ismar Tirelli Neto. São Paulo: Editora 34, 2021.
- Sobre aquilo em que eu mais penso. Tradução de Sofia Nestrovski. São Paulo: Editora 34, 2023.
- Davis, Lydia. *Essays One*. New York: Picador, 2019.
- Essays two*. New York: Picador, 2021.
- Davis, Natalie Zemon. *Fiction in the Archives: pardon tales and their tellers in sixteenth-century france*. California: Stanford University Press, 1997.
- Demos, T. J., "Out of Beirut: Mobile Histories and The Politics of Fiction." In Idem, *The Migrant Image: The Art and Politics of Documentary during Global Crisis, 177-200*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2013.
- Despret, Vinciane. *Um brinde aos mortos. Histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 Edições, 2023.
- Enwezor, Okwi. "Archive Fever: Photography between History and Monument". In Idem, *Archive Fever: Uses of the Document in Contemporary Art*. New York: International Center of Photography, 2008.
- Ernaux, Anne. *Os anos*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.
- Bident, Christophe [et al.]. *Experiência e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2012.
- Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu editora, 2020.
- Garza, Cristina Rivera. *O invencível verão de Liliana*. tradução de Silvia Massimini Feliz. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea.2022.
- Giovanna Zapperi, "Woman's Appearance: Rethinking the Archive in Contemporary Art-Feminist Perspectives." *Feminist Review* 2013, no. 105 (2013), 21-47.
- Giunta, Andrea. *The Political Body: Stories on Art, Feminism, and Emancipation in Latin America*. University of California Press, 2023.
- Contra o cânone: arte contemporânea em um mundo sem centro*. Florianópolis: Editora Nave, 2022.
- Gonzalez, Lélia. *América Ladina*. São Paulo: Biblioteca Básica Latinoamericana, 2022.
- Guerra, Lilia. *O céu para os bastardos*. São Paulo: Todavia, 2023.
- Haider, A. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo:

Veneta, 2019.

Hartman, Saidiya. *Histórias Íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Fósforo, 2022.

*Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Hanna, C. *Poésie action directe*. Paris: Romainville/Calaméo, 2003.

Hanna, C. Christophe. *Nos dispositifs poétiques*. Marseille: al dante/questions théoriques, coleção Forbidden Beach, 2010

Kamenzain, Tamara. *Livros Pequenos*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2021.

Kilomba, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LaCapra, Dominick. *Compreender outros: povos, animais, passados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

Levy-Hussen, Aida. *How to read African American Literature: Post-civil rights fictions and the task of interpretation*. New York: New York University Press, 2016.

Liliana Gómez, Epilogue. *Upheavals and the Resurgent Photographic Archive*. in *Archive Matter: A Camera in the Laboratory of the Modern*. Berlin: Diaphanes, 2023.

Lugon, Olivier. "'Documentary': Authority and Ambiguities." In *The Green Room*, 28-37. Berlin: Sternberg Press, 2008.

Machado, Maria Helena P. T. *Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação*. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

Machado, Ricardo. *Félix*. Chapecó: Editora Humana, 2021.

Martins, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o reinado do rosário no jatobá*. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

*Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Morrison, Toni. *Amada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Nascimento, t. Leve sua culpa branca pra terapia. São Paulo: n-1 edições, 2020. Racismo visual/ sadismo racial: quando (?) nossas mortes importam. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

"da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra | palavra, preta!." <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>.

Nascimento, Abdias. O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

Natali, Marcos. A Literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

Nobles, W. de. "Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afroncentrado". In: Elisa Larkin Nascimento (org). Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 277-297.

Olmos, Ana Cecilia. Escritas descentradas. O ensaio dos escritores na América Latina. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019.

Pedrosa, Cida. Araras Vermelhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Pereira, Edmilson de Almeida. Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.

Piglia, Ricardo. Formas Breves. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.

Pizarro, Ana. O voo do Tukui. São Paulo: Biblioteca Básica Latinoamericana, 2022.

Pratt, Mary Louise. Planetary Longings. Durham & Duke: Duke University Press, 2022.

Romão, Luiza. Também guardamos pedras aqui. São Paulo: Editora Nós, 2021.

Rosler, Martha. "In, Around, and Afterthoughts (On Documentary Photography)" [1981]. In *Decoys and Disruptions: Selected Writings, 1975-2001*, 151-206. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2004.

Sekula, Allan. The Body and the Archive. October, Winter, 1986, Vol. 39, p. 3-64. MIT Press.

Segato, Rita. Crítica da colonialidade e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Seligmann-Silva, M. "Compaixão animal". Aletria. Revista de Estudos de Literatura. 21(3), 39–51.

Singh, Dayanita. *Myself Mona Ahmed*. Zurich - Berlin - New York: First Scalo Edition, 2001.

Sharpe, Christina. *Negridade e existência*. tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Strathern, M.. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

*Parentesco, direito e o inesperado: parentes são uma surpresa.*

Tradução Stella Zagatto Paterniani. São Paulo: Unesp, 2015.

Süssekind, F. *Coros, contrários, massa*. Recife: Cepe, 2022.

Taylor, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Tove, Ditlevsen. *Trilogia de Copenhaga: infância, juventude e dependência*. Tradução de Heloisa Jahn e Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Cia das Letras, 2023.

Viveiros de Castro. E. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Wilderson III, Frank B. *Afropessimismo*. Tradução de Rogério W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: Todavia, 2021.

Woolf, Virginia. *O Leitor Comum*. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.